

RESENHA

BURKERT, Walter. Cultos místéricos antiguos. Tradução de María Tabuyo e Agustín López. Madrid: Editorial Trotta, 2005

Cídio Lopes de Almeida
[sem revisão por pares]

Resumo

A obra *Cultos Místicos Antigos* de Walter Burkert, baseada em suas quatro Conferências de abril 1982, proferidas na Universidade de Havard, oferece um estudo que tencionou sob uma interpretação em perspectiva pagã dos ritos iniciáticos da Antiguidade Grega. Burkert desmistifica estereótipos, defendendo que os mistérios não eram fenômenos tardios, estritamente orientais ou meramente espirituais no sentido cristão. Ele os define como cerimônias de iniciação voluntárias, pessoais e secretas, visando uma mudança de mentalidade mediante a experiência do sagrado através da vivência (*pathein*) e não do aprendizado dogmático. O plano conceitual explora as necessidades pessoais e a salvação prática e imediata; as organizações diversas, que não formavam comunidades místicas como igrejas (exceção para o mitraísmo hierárquico); as teologias de caráter indizível, ancoradas em mito, alegoria da natureza e platonismo; e a experiência extraordinária do ritual, oscilando entre terror e bem-aventurança. A análise culmina na compreensão da natureza frágil dos mistérios como opções dentro do politeísmo, sem pretensões exclusivistas ou estruturas duradouras, o que contribuiu para seu desaparecimento frente ao cristianismo.

Palavras-chave: Mistérios, Iniciação, Experiência, Salvação, Politeísmo.

Anotações

A obra "*Cultos Místicos Antigos*" de Walter Burkert, baseada nas suas conferências *Carl Neuwel Jackson* de 1982, oferece uma descrição e uma visão detalhada dos antigos cultos místéricos da Grécia Antiga, evitando ser um dicionário técnico ou uma mera compilação de referências. Burkert adota uma abordagem a qual ele intenciona ser pagã no sentido de retirar um olhar vincado pela tradição cristã que molda e marca esse outro, rejeitando desde o início o conceito de religiões místicas como sistemas mutuamente exclusivos [que é uma ideia dos monoteísmos institucionais], no sentido de féis como o judaísmo, o cristianismo ou o islão. Em vez disso, ele argumenta que os mistérios eram variantes, correntes ou diversas opções dentro do conglomerado único, díspar e, no entanto, homogêneo, da religião antiga. A obra foca-se em cinco principais variantes: os mistérios de Elêusis, os báquicos ou dionisíacos, os de Métér (Magna Mater), os de Ísis e os de Mitra.

A tese central do livro desafia três estereótipos comuns sobre as religiões místicas. A ideia de que são tardias é contestada pelo autor, que demonstra que cultos como o de Elêusis floresceram ininterruptamente desde o século VI a.C., e os mistérios de Baco-Dioniso e da Deusa Mãe aparecem em documentos ainda mais cedo, contestando a noção de que seriam fenômenos exclusivos da Antiguidade Tardia.

A noção de que são de origem oriental, embora deidades como a Mater Magna, Ísis e Mitra sejam de origem oriental, a própria instituição dos mistérios não pode ser encontrada nessas regiões. Pelo contrário, parecem refletir os antigos modelos de Elêusis ou Dioniso. O estereótipo de que são espirituais e religiões de salvação, a que o autor critica a visão de que os mistérios seriam preparatórios ou paralelos ao cristianismo. Ele reconhece que escritores cristãos antigos viram semelhanças, mas adverte que a constante comparação com o cristianismo distorce a compreensão e obscurece as diferenças radicais. A afirmação de E. Renan de que o mundo teria sido mitraico se o cristianismo tivesse sido interrompido é refutada, pois o mitraísmo nem sequer era uma religião no sentido pleno da palavra.

Burkert define os mistérios como cerimônias de iniciação, cultos em que a admissão e a participação dependem de que se realize algum ritual pessoal sobre o indivíduo. São voluntários, pessoais e secretos, procurando uma mudança de mentalidade mediante a experiência do sagrado.

O livro explora estas variantes através de quatro capítulos principais. Necessidades pessoais nesta vida e depois da morte, onde o autor argumenta que os mistérios são uma forma de religião pessoal impulsionada pela busca de salvação (*soteria*), frequentemente paralela à religião votiva (promessas aos deuses para benefícios práticos no presente, como saúde, riqueza ou segurança em viagens). Cultos como os de Ísis especializavam-se na cura, enquanto o *taurobolium* de Métér era um seguro para vinte anos de boa sorte, não uma promessa de imortalidade incondicional.

Os mistérios dionisíacos e de Elêusis também ofereciam melhores esperanças para a vida futura, mas o foco prático estava muitas vezes no alívio de sofrimentos e na melhoria da vida presente. A obra sublinha que a experiência da salvação era frequentemente imediata. Sentir-se melhor agora. A decepção dos pais ao perderem um filho, que os levou a esquecer os augustos mistérios, ilustra a ausência de uma fé dogmática na superação da morte.

Organizações e identidades

Burkert crítica a ideia de comunidades místicas (*Mysteriengemeinden*) no sentido de uma igreja unificada. Identifica três tipos de organização. O praticante itinerante ou carismático (comum em Dioniso e Métér), o clero vinculado a um santuário (Ísis, Métér), e as associações (*thiasoi*) de adoradores. O Mitraísmo é o caso mais próximo de uma sociedade secreta, com uma rígida hierarquia de sete graus (Córax, Ninfis, Miles, Leo, Persa, Heliódromo e Pater), uma surpreendente uniformidade iconográfica e a exclusão de mulheres.

Em contraste, Elêusis era um culto local e exclusivo da pólis de Atenas, supervisionado por famílias aristocráticas e pelo estado [*archon basileus*, p. 20]. A obra destaca a ausência de fronteiras rígidas entre cultos, de heresia ou de um conceito de "igreja" no paganismo, permitindo a acumulação de diferentes sacerdócios e a coexistência de diversas divindades. A identidade religiosa, quando existia, era manifestada através da conduta e do ritual, não de um credo formal.

Teologia e Mistérios: Mito, Alegoria e Platonismo

Apesar da busca por teologia do mistério, Burkert lamenta a escassez de textos teológicos. Ele critica a confiança em fontes gnósticas, herméticas e papiros mágicos como chaves primárias, sugerindo que o que era central nos mistérios era indizível (arrheta, p. 84), mais uma experiência (*pathein*, p. 84) do que um aprendizado (*mathein*). Contudo, o logos (discurso ou explicação) tinha um papel, manifestando-se em três níveis: Mito, como narrativas tradicionais sobre deuses (Deméter-Perséfone, Ísis-Osiris, Átis, Dioniso) que estruturavam os rituais. O deus sofredor é um tema recorrente, embora Mitra seja uma exceção, não se encaixando neste modelo.

Alegoria da Natureza. Interpretações naturalistas dos mitos e rituais (Deméter como Mãe Terra, Átis como espiga de trigo, Dioniso como vinho, Osiris como Nilo). Esta interpretação era muitas vezes considerada mística.

Alegoria Metafísica (Platonismo). Elevação das interpretações a princípios filosóficos, especialmente a partir de Plutarco, relacionando os mistérios com conceitos de dualismo metafísico e o destino da alma. A doutrina da transmigração, embora associada a Orfeu e Pitágoras e mencionada por Platão, é vista como uma gota de sangue estrangeira e não um princípio central da maioria dos mistérios.

A Experiência Extraordinária

O foco aqui é a natureza transformadora da iniciação, um *pathos* ou experiência na alma do iniciado. Descrições de Dión de Prusa e Plutarco evocam uma jornada de confusão e terror para luzes maravilhosas e visões santas, culminando em assombro e aceitação de sentido. O *makarismos* (proclamação de bem-aventurança) era uma característica fundamenta. Burkert analisa rituais específicos de cada culto, como o *kykeon* e a exibição da espiga de trigo em Elêusis, o simbolismo fálico do *liknon* e a cena da flagelação na Villa dos Mistérios para Dioniso⁷⁵..., a "morte voluntária e salvação pela graça" e a "nova data de nascimento" nas iniciações de Ísis⁷⁸..., e as torturas simuladas e a simbologia do fogo nos sete graus de Mitra.

A ideia de morte e renascimento é abordada, mas Burkert é cauteloso, ressaltando que as evidências não são tão explícitas ou uniformes quanto a interpretação cristã da ressurreição. O uso de drogas é discutido com ceticismo, argumentando que a maioria das substâncias propostas não criaria o tipo de experiência comunitária e eufórica descrita, e que as drogas geralmente levam ao isolamento.

A festa comunal e a partilha de alimentos sacrificial eram, no entanto, um aspeto central e prazeroso dos mistérios, em contraste com a comunhão cristã puramente simbólica.

"Cultos Mistéricos Antiguos" é uma obra que procura desconstruir equívocos persistentes sobre as religiões mistéricas. Burkert revela-as como formas de culto opcionais, pessoais e multifacetadas, integradas no politeísmo pagão, que ofereciam aos seus participantes uma experiência extraordinária e uma oportunidade de escapar dos caminhos fechados e dos ermos de uma existência previsível, buscando um contexto de sentido num mundo banal, deprimente e muitas vezes absurdo. A sua fragilidade inerente, em contraste com a estrutura da igreja cristã emergente, contribuiu para o seu desaparecimento.